

CIReS

1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE REDES SOCIAIS

1 e 2 JUNHO 2017 | Auditório do Colégio Espírito Santo da Universidade de Évora



Livro de Atas

Ficha Técnica

Título:

Livro de Atas do 1º Congresso Internacional de Redes Sociais | CIREs

Organização:

Saudade Baltazar
José Saragoça
Marcos Olímpio dos Santos
Joaquim Fialho
Helena Arco

Edição:

CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

Autor:

Vários

Capa:

Logotipo_Susana Oliveira

Design_Carlos Sota

Produção técnica:

Célia Maria Lavradorinho Peralta Rodrigues

David Emanuel Arraiolos Carapinha

ISBN:

978-989-99782-3-2

dezembro 2017

Este livro teve apoio do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013, apoiado pela FCT/MCTES através de Fundos Nacionais.

WHATSAPP E POLÍTICA: NOVAS FORMAS DE CIBERATIVISMO

SÉRGIO BARBOSA DOS SANTOS SILVA¹
Centro de Estudos Sociais / Universidade de Coimbra
sergio.barbosa@gmail.com

Resumo

O objetivo geral deste texto é investigar como o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's), em particular, o WhatsApp, vem se apresentando como elemento central para a convocação e a mobilização de ciberativistas nas formas contemporâneas de participação política. Para tanto, foi focado de que forma os usuários do grupo “# Unidos Contra o Golpe” organizaram protestos em 2016 na cidade de Florianópolis, no que se convencionou denominar usualmente de ciberativismo. O método de investigação é “netnografia” do grupo do WhatsApp, juntamente com a análise de mensagens postadas e a realização de entrevistas semi-estruturadas, ressaltando as motivações quanto ao seu uso político. Para isso, o estudo utilizou procedimentos analíticos de cunho amplamente qualitativo. A pesquisa verificou o potencial mobilizador do WhatsApp para além das abordagens dicotômicas que, por um lado, defendem entusiasticamente o potencial democratizador da internet como uma espécie de “ágora digital”, por outro, observam sua expansão como tendência à alienação e à desmobilização. Conclui-se, a partir da análise empírica, que os múltiplos usos do WhatsApp representaram novas formas de participação política traduzidas em mecanismos de ativação da cidadania e impacto positivo nas formas coletivas de sociabilidade do grupo.

Palavras-chaves: WhatsApp; ciberativismo, participação política.

¹ Bacharel em Sociologia pela Universidade de Brasília (2014). Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (2015). Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Atualmente, é aluno do doutoramento em Democracia no século XXI pelo Centro de Estudos Sociais (CES) junto à Universidade de Coimbra em Portugal. Desenvolve pesquisas relacionadas, principalmente, aos seguintes temas: democracia; participação política; internet; WhatsApp e ciberativismo. Endereço eletrônico: sergio.barbosa30@gmail.com

Abstract

The general objective of this article is to investigate how the use of Information and Communication Technologies (ICTs), in particular WhatsApp, has been presented as a central element for the convening and mobilization of cyberactivists in contemporary forms of political participation. For that, it was focused on how the users of the "# United against the coup" group organized protests in 2016 in the city of Florianópolis in Brazil, in what is commonly known as cyberactivism. The research method is "netnography" of the WhatsApp group, along with the analysis of posted messages and semi-structured interviews, highlighting the motivations for their political use. For this, this research used analytical procedures of a highly qualitative nature. The article verified the mobilizing potential of WhatsApp in addition to dichotomous approaches that, on the one hand, enthusiastically defend the democratizing potential of the internet as a sort of "digital agora", on the other, observe its expansion as a tendency towards alienation and demobilization. It is concluded from the empirical analysis that the multiple uses of WhatsApp represented new forms of political participation translated into mechanisms of activation of citizenship and positive impact on the collective forms of sociability of the group.

Keywords: WhatsApp; cyberactivism; political participation.

Introdução

Este texto investiga o uso político do *WhatsApp* com objetivo de analisar modalidades de participação política no âmbito da bibliografia sobre ciberativismo e TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) e é oriundo da dissertação de mestrado deste autor (Barbosa, 2017). Em específico, buscamos entender o papel do *WhatsApp* na convocação e mobilização de ciberativistas inscritos em um grupo do aplicativo intitulado “# Unidos Contra o Golpe” ou UCG (iniciais utilizadas pelos usuários).

O UCG foi criado a partir do desejo de lutar contra o golpe² que se organizou no ano de 2016 no Brasil e reivindicou o retorno de Dilma Rouseff à presidência da república. A indignação com a situação política do Brasil motivou os usuários inscritos no grupo a refletirem e discutirem o cenário que o país atravessou nesse ano. Nosso objetivo é investigar o espaço de política criado no grupo do *WhatsApp* sem estabelecer uma relação causal entre o UCG e participação política, mas desvendar o conteúdo social presente neste processo, buscando novos insights, mesmo que se considere a incapacidade de cobrir todos os possíveis aspectos da temática em um momento de velozes transformações tecnológicas (Kies, 2010, p. 5).

A estratégia metodológica adotada foi a netnografia do grupo do *WhatsApp* desde o ingresso deste pesquisador em meados de Abril de 2016. A partir da netnografia, realizamos a análise das informações postadas pelos usuários do grupo no mês de setembro de 2016 (que será apresentada em outro momento) e quinze entrevistas semi-estruturadas com residentes de Florianópolis inscritos no UCG.

Este artigo está dividido em duas seções. Na primeira parte elucidamos uma discussão teórica sobre como o ciberativismo pode ser considerado uma forma de participação para além dos canais institucionais da política, revisamos a bibliografia sobre a temática de internet e política e ressaltamos como novas práticas participativas podem utilizar o *WhatsApp* como ferramenta de politização. A seção dois é dedicada à análise empírica, a partir da combinação das metodologias supracitadas: em um

² Este pesquisador está em comum acordo com os ciberativistas investigados e, portanto, considera que a saída da presidenta Dilma Rouseff foi um golpe.

primeiro momento tecemos considerações sobre a netnografia e, em seguida, priorizamos alguns resultados das entrevistas realizadas com os ciberativistas de Florianópolis. As considerações finais revelam um “novo olhar” sobre como ver e fazer a política no século XXI por meio das redes sociais virtuais, tendo como base as interações do grupo investigado no *WhatsApp*.

ciberativismo e Whatsapp

Ao investigar as formas de participação política do UCG no *WhatsApp*, pretendemos: “compreender melhor os fenômenos de participação política nas sociedades contemporâneas, reconhecendo que nem todos os movimentos e associações estão dispostos a participar dos espaços institucionais de partilha do poder” (Pereira, 2012, p. 84).

Mouffe (2016) apresenta a natureza do modelo ocidental de democracia como uma articulação de duas tradições diferentes, quais sejam: a tradição do liberalismo político com sua ideia de “Estado de direito”, de liberdade individual e dos direitos humanos e uma segunda tradição democrática de igualdade e de soberania popular. Entre estas duas tradições, o paradoxo ganha corpo porque o peso maior reside na primeira tradição. Mais do que isso: nas democracias contemporâneas as decisões políticas, de uma forma geral, estão fora do alcance dos cidadãos, na medida em que seu linguajar “técnico” afastou a população da participação política.

Em contrapartida, os diferentes movimentos de indignação que sacudiram o mundo nos últimos anos, - como a Revolução Egípcia, o movimento 15-M na Espanha, o Occupy nos Estados Unidos, as Jornadas de Junho no Brasil em 2013 - mostraram-se, apesar de seus limites, capazes de oxigenar a democracia e compartilharam as seguintes características entre si: rejeição aos partidos políticos, baixa confiança nas formas convencionais de organização política, formação e mobilização via internet (Gerbaudo, 2012; 2017).

O advento das TIC's simultaneamente à difusão da internet permitiu tanto a comunicação direta entre os indivíduos, quanto a distribuição da informação de forma multidirecional e horizontal. É relevante, por isso, repensar o processo de funcionamento do poder político frente às constantes transformações expostas pela

globalização no século XXI, reconhecendo que os indivíduos, por não confiarem nas tradicionais formas de fazer política, não se sentem representados politicamente pelo atual quadro institucional (Barbosa, 2016; 2017). Resultado: os índices de participação nas eleições de países com mais longa tradição democrática vêm declinando nas últimas décadas, assim como as filiações às principais instituições representativas (Castro; Reis, 2012).

Mouffe (2016) observa que um dos grandes desafios da democracia no século XXI é não poder se limitar a estabelecer uma solução conciliatória entre interesses ou valores ou a deliberar acerca do bem comum; ela precisa apoiar-se concretamente nos desejos e fantasias do povo. Mais ainda: se, nas democracias liberais contemporâneas, percebemos o acúmulo de uma quantidade irrestrita de demandas que não podem ser canalizadas via mecanismos institucionais, as decisões políticas cada vez mais são realizadas em espaços que estão fora do controle dos cidadãos. Sendo assim, no lugar de uma confrontação de ideias e projetos, estamos presenciando o esfacelamento do regime representativo das democracias liberais aliado a um crescimento contínuo de descontentamento da população em relação ao mundo político.

A partir desse questionamento, percebe-se a formação de uma lacuna na capacidade comunicativa entre o Estado e os cidadãos. De um lado, o poder político continua em uma esfera local; de outro, os cidadãos acumulam não só uma insatisfação generalizada justificada pela separação entre governantes e governados, como também demonstram pouca vontade de se engajarem em um sistema político carente de “ferramentas comunicacionais” comuns ao cotidiano dele.

Percebemos, então, um “descompasso” entre uma sociedade civil que pleiteia por repostas rápidas e eficientes, ao mesmo tempo em que os canais da participação política sinalizam não acompanhar essas demandas requeridas. Há, assim, uma série de desafios quanto à compreensão dos valores que orientam e embasam as ações dos atores no campo político e também acerca das formas de sua socialização. Neste trabalho, consideramos que percepções de situações sociais objetivas podem passar por impressões e avaliações subjetivas acerca dos fenômenos políticos.

Em verdade, a formação das “paixões” na política, elemento-chave considerado por Mouffe (2016) na construção de formas coletivas foi também diagnosticado no grupo investigado como uma avaliação subjetiva da motivação política. Por paixão,

Chantal entende “um certo tipo de afeto comum que é mobilizado no campo político na constituição de formas de identificação” (Errejón & Mouffe, 2016, p. 53, tradução nossa) e desempenham um papel fundamental na política, e a tarefa da política democrática não é superá-las por meio do consenso, mas elaborá-las de uma forma que estimule o confronto democrático. O confronto entre identidades diversas no UCG permitiu florescer a “paixão” como elemento ímpar na constituição do espaço coletivo dentro do grupo no *WhatsApp*. Foi o elemento que deu fôlego ao *modus perandi* do UCG, à medida que o choque de opiniões diversas entre os usuários foi crescendo concomitante ao entrosamento do grupo, que, ao fim e ao cabo, formou um ator coletivo.

A partir dessas ideias, as TIC's têm possibilitado novas formas de atuação política para além dos canais institucionais, “aumentando a capacidade de mobilização e a articulação dos cidadãos e possibilitando um maior envolvimento dos atores sociais” (Penteado et al, 2015, p. 1598). As formas de ativismo digital sinalizam novas possibilidades de mobilização política ao sugerir reconfigurações de práticas participativas. A saber, “compreendeu-se que a internet não traz modificações automáticas; nós, usuários, é quem configuramos e utilizamos as ferramentas de maneiras diversas, com objetivos pontuais, influenciados por inúmeros fatores” (Marques, 2011, p. 10). Não há, portanto, uma relação mecânica entre o *WhatsApp* e participação política: esta TIC “não promove automaticamente a participação política e nem sustenta a democracia; é preciso, antes, olhar tanto para as motivações dos sujeitos quanto para os usos que eles fazem dela, em contextos específicos” (Maia, 2011, p. 69). Mais do que isso:

O que se pode oferecer, na verdade, é um *surplus* para os cidadãos participarem da vida pública, visto que há uma apropriação social da tecnologia digital que é imediata, pouco custosa e muito eficiente, além de não demandar sacrifícios enormes para o indivíduo engajar-se politicamente (Barbosa, 2016, p. 56).

O principal termo importado dos estudos de internet e participação é o ciberativismo. Este pode ser definido como qualquer tipo de ativismo que utilize as TIC's como ferramenta política. Em específico, “o ciberativismo corresponde a práticas comunicacionais que, utilizando plataformas, redes e suportes digitais, sobretudo na internet, visam entrosar e dar maior visibilidade a lutas no interior da sociedade” (Eisenberg, 2015, p. 131). Suas modalidades incluem um repertório variado de ações

dispostas a fortalecer conexões entre comunidades desde ferramentas de interação do meio *online* como campanhas virtuais, grupos de discussão, fóruns, *chats*, petições até as assembleias, atos públicos, passeatas, panfletos e protestos ocorridos meio *offline*. Considera-se, neste estudo em questão, que todo usuário inscrito no UCG é, de alguma forma, um ciberativista.

O sociólogo italiano Paolo Gerbaudo (2012; 2014; 2016; 2017; 2017a; 2017b) talvez seja uma das vozes mais ativas no que tange o ciberativismo no mundo contemporâneo. O sociólogo italiano ressalta que o ciberespaço ocupa uma posição onde tudo acontece, ou seja, onde os indivíduos conectados trocam ideias entre si e com o mundo. Os ciberativistas atuam como internautas que atuam nas redes sociais virtuais, em milhões de *tweets* e *posts* sobre notícias a respeito dos acontecimentos políticos em geral.

O autor realiza um rico trabalho de campo etnográfico ao testemunhar as múltiplas manifestações de ativismo através das redes sociais virtuais. Seu conceito-chave é *choreography of assembly* (coreografia coletiva). Entende-se como um “processo de construção simbólica de um espaço público que se constrói em torno de um ajuste de cena emocional e um *script* dos participantes na assembleia física” (Gerbaudo, 2012, p. 12, tradução nossa). As coreografias coletivas podem ser “caracterizadas por sua inventividade e dinâmica de ação, agrupando um número significativo de estratégias. O uso de diferentes estratégias é seguido de uma atualização constante das informações na internet, demonstrando dinamismo e envolvimento” (Penteado et al, 2015, p. 1611) com o meio *offline*.

A teoria da “coreografia coletiva” (Gerbaudo, 2012) destaca não só as oportunidades, mas também os riscos envolvidos na adoção entusiástica dos movimentos sociais contemporâneos. Estas contribuem para transformar locais simbólicos de protesto em *trending places* (em comparação com a definição do Twitter para *trending topics*), que adquirem um imenso poder de atração local por um determinado período de tempo, mas depois (como acontece com todos os *trending topics* do Twitter) desaparece progressivamente.

Nos diferentes movimentos de indignação investigados por Paolo Gerbaudo (Revolução Egípcia, Indignados na Espanha e *Occupy* nos Estados Unidos), apesar das reivindicações para grupos se configurarem sem liderança absolutas, a partir de um

caráter dinâmico e assimétrico do processo de mobilização, a função do coreógrafo para dar o primeiro passo, para definir uma data, para lançar uma ideia, criar um *hashtag* é fundamental.

O modo inaugural como o sociólogo versa sobre a noção fluida de natureza dinâmica, assimétrica e complexa dos processos de mobilizações em escala mundial nos reserva grandes desafios teórico-conceituais e metodológicos (Gerbaudo, 2016; 2017; 2017a; 2017b). Trata-se de pensar novas metodologias que possam avaliar grupos em que o valor da espontaneidade e não adoção de mecanismos de delegação e representação sejam basilares.

Neste trabalho, em específico, procuramos entender como o grupo criado no *WhatsApp* em Florianópolis serviu como espaço proveitoso para formação de uma identidade coletiva que evoluiu de forma contingente e atingiu proporções que nem mesmo os usuários do grupo imaginavam em suas expectativas iniciais. O potencial democrático do *WhatsApp*, dessa forma, pode ser apropriado por inúmeros atores sociais de modo a organizar e articular redes de protestos, como diagnosticado no UCG. Nesta análise em questão, os mundos *online* e *offline* estão conectados, a saber: “a análise de como eles se relacionam, seja via atores *offline* que deflagram movimentos virtuais ou intervêm na comunicação virtual, seja nos momentos posteriores, quando a dinâmica política se desloca para outros espaços” (Sorj, 2016, p. 13) é pautada por práticas de intervenção que estão para além do mundo institucional, criando um “novo tecido democrático *online/offline*” (Sorj, 2016, p. 18).

Mas como surge o aplicativo móvel *WhatsApp*? Por que ele é considerado a “bola da vez” no mundo inteiro? O *WhatsApp* é um “aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS”.³ Foi criado em 2009 e teve seu auge em escala mundial no ano de 2012. Desde então, vem passando por várias atualizações nas suas funcionalidades. Em apenas quatro anos de existência ele cresceu mais que o *Facebook* e seus números de penetração em diferentes países aumentam exponencialmente (Gutiérrez-Rubí, 2015). Não por menos, em fevereiro de 2014, o *Facebook* anunciou a compra do aplicativo por 16 bilhões de dólares.⁴

³ Disponível em: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br Acesso em: 02 de Maio de 2016.

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/criado-em-2009-whatsapp-cresceu-mais-rapido-que-facebook-em-4-anos.html> Acesso em: 04 de dezembro de 2016

Os usuários dessa tecnologia móvel podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, fazer ligações sem custos desde que haja conexão com a internet. Dentre as funcionalidades, destacamos: conversa em grupos permitindo partilhar todo tipo de informação com os usuários inscritos (que é o canal investigado por este trabalho); a modalidade *WhatsApp Web*, que sincroniza conversas do dispositivo móvel para outro dispositivo, (ou seja, no computador pessoal é possível retomar as conversas presentes no aplicativo do celular); e a execução de chamadas de voz e de vídeo, podendo realizar até ligações nacionais e internacionais.⁵

Trata-se de uma ferramenta comunicacional que facilita a organização em grupo, é versátil, tem abrangência global e forte potencial para diversas formas de ação. Ainda podemos destacar a facilidade de relacionar, empoderar e promover a ação coletiva. E, não menos importante, tem uma reverberação crescente em diversas esferas da vida social, sendo usado em ambientes de trabalho, meio acadêmico, campo esportivo, esfera privada, campanhas políticas, movimentos sociais, e para qualquer outro grupo de pessoas afins.

Com a adesão enorme de usuários a esta rede de tecnologia móvel em todo o planeta, o Brasil seguiu o mesmo caminho: “A crescente penetração do WhatsApp, aplicativo de conversação para smartphones se fazia presente em 56% dos aparelhos móveis brasileiros em 2014” (Savazoni & Copello, 2016, p. 118).⁶ A expansão da tecnologia móvel aliada ao barateamento dos preços dos “smartphones” culminou em um maior acesso à rede virtual pela população brasileira (Hansen, 2016).

Gutiérrez-Rubí (2015) destaca que os grupos presentes no *WhatsApp* relacionam indivíduos construindo comunidade de interesses, mas que também promove ação autônoma e criativa dos usuários. Há o que o autor denomina de *mobile lifestyle*: comportamento social e individual que relaciona, empodera e promove ação coletiva e autônoma a partir do uso do *smartphone*. No nosso cotidiano, por exemplo, desde que saímos de nossos lares todos os dias vemos o quanto é comum ter algum indivíduo “clitando” a todo instante em seu celular.

Esse *mobile lifestyle* é percebido, por exemplo, nos grupos do *WhatsApp* ao aproximar pessoas com interesses comuns através da própria iniciativa individual que se inicia com o administrador do grupo. A saber, “por sua dimensão global e por seus mais

⁵ Disponível em: <https://www.whatsapp.com/features/> Acesso em: 03 de Dezembro de 2016.

⁶ No senso comum, a população brasileira rebatizou o aplicativo como “ZapZap”.

de 700 milhões de usuários em todo o mundo, o *WhatsApp* se revela, de forma esmagadora, uma ferramenta indispensável para a política” (Gutiérrez-Rubí, 2015, p. 9, tradução nossa).

O uso político do *WhatsApp* tem sido uma das marcas nas novas formas de ativismo online. Estudos mostram que o “baixo interesse por aplicações para celulares e tecnologias móveis não foi capaz até o momento de formar uma categoria própria” (Bragatto & Nicolás, 2012, p. 20). Além disso, “a crescente penetração do *WhatsApp* nos *smartphones*” (Savazoni & Copello, 2016, p. 118) tem crescido de forma exponencial na sociedade informacional do século XXI.

Radiografia do UCG

O “UCG” foi criado no dia 30 de Março de 2016 às 19:19 (horário de Brasília) por um usuário de Florianópolis em um período próximo à votação pela Câmara dos Deputados do pedido de impeachment contra a presidenta Dilma Rouseff. O grupo chegou a ter 256 usuários inscritos que, reivindicavam a volta de Rouseff à presidência.

No momento em que este texto era escrito, o UCG tinha cerca de 197 usuários, sendo aproximadamente mais de cem registrados no grupo com o DDD (+48)⁷. O número de usuários varia de um dia para outro, já que tanto podem entrar novos como sair antigos. No grupo, praticamente todos os números foram inscritos como administradores, o que permite adicionar novos integrantes e sinaliza uma organização de forma horizontal.

A grande maioria dos inscritos provém da região Sul do país, especialmente da cidade de Florianópolis, mas estando presentes ciberativistas de outras regiões e alguns do exterior. Houve então uma transnacionalização do grupo sem qualquer pretensão inicial para isso. O UCG é formado por um grupo heterogêneo de atores sociais, tais como: educadores, engenheiros, petroleiros, geólogos, médicos, psicólogos, psicanalistas, arquitetos, sindicalistas, estudantes universitários, dentistas, atores, poetas, cronistas, bancários, músicos, professores universitários, mestres, doutores e políticos.

Os integrantes do grupo se posicionam majoritariamente como defensores de uma ideologia de esquerda: se orientam basicamente para a promoção da igualdade

⁷ Esse DDD equivale a usuários da Grande Florianópolis e da região sul do Estado de Santa Catarina. Há também DDD (+47) e (+49) que equivalem a outras regiões do Estado.

entre os homens e para a mudança da ordem social. Bobbio (1994) explica que na esquerda percebemos o princípio do igualitarismo; o laicismo; a crítica das limitações ético-religiosas; a inexistência de conceitos absolutos de bem e mal; os interesses dos trabalhadores, que devem prevalecer sobre a necessidade de crescimento econômico; o antifascismo; e a identificação permanente com as classes inferiores da sociedade. A saber: “a conotação central da noção de esquerda apresentada por Norberto Bobbio é com a ideia de igualdade. Segue sendo usada no mundo político e tem que ser mantida” (Errejón & Mouffe, 2016, p. 131, tradução nossa).

Este pesquisador criou um *modus operandi* para qualificar o modo de ação do UCG baseado em sua “netnografia”. O grupo se uniu sob um projeto de esquerda formado por vários atores sociais. O florescimento das “paixões”, conforme visto, foi elemento-chave e se mostrou capaz de dar coesão ao grupo. Os ciberativistas criaram possibilidades de participar num coletivo e isso não envolveu uma solução necessariamente racional. Eles se uniram, mas reconheceram os direitos de outros usuários a exporem também seus pontos de vista sobre o contexto político brasileiro. Houve o dissenso, mas com uma base de consenso, princípios éticos e morais que foi essencial para se organizarem em conjunto.

O *modus operandi* do UCG não decorreu necessariamente de um projeto programático, mas simplesmente daquilo que as pessoas viveram de forma interativa e teve sua evolução de forma contingencial. O grupo surgiu com motivações, interesses e projetos de se unirem contra esta “direita que saiu do armário” (Messenberg 2016) e o início do governo Temer.

Para isso, utilizaram os dispositivos do *WhatsApp* para interagir socialmente, motivados pela indignação com a situação política brasileira e propelidos pelo entusiasmo de criar novos projetos de ações políticas que revelaram valores pró-democráticos. Um das questões fundamentais nesta pesquisa foi decifrar como esse *modus operandi* (Quadro 1) permitiu um espaço proveitoso para potenciais formas de participação política e aproximação de vínculos entre os usuários.

Quadro 1: Fatores estruturantes e Modus Operandi do UCG

Três motivações-chave para criação do grupo	Contexto político brasileiro que favoreceu a união do UCG	Criação do Grupo no WhatsApp	Resultado: <i>Modus operandi</i> UCG
<ul style="list-style-type: none"> - Parlamentares conservadores - Mídia tradicional parcial - Judiciário Espetacularizado 	<ul style="list-style-type: none"> - Impeachment de Dilma Rouseff; - Início do Governo Temer; - Cortes drásticos no orçamento das políticas sociais, redução de benefícios, destituição de direitos, seja no mundo do trabalho, seja nas políticas sociais e nos serviços públicos; - Medidas anti-sociais como a aprovação da PEC 241 ou PEC 55; - Não legado de Junho de 2013. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interações via postagens a um custo reduzido e de forma interativa; - Convocação de protestos, a partir do cruzamento <i>online</i> (WhatsApp / off-line (ruas)); - Espaço coletivo de articulação; - Inserção da política na prática cotidiana; - Paixão como elemento irracional que permitiu maior coesão ao grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Processo organizativo na forma de redes, onde os ciberativistas: identificam problemas; compartilham informações; convocam protestos; buscam soluções conjuntas; e ainda desenvolvem formas de solidariedade para garantir o respeito ao direito de outros usuários exporem seus pontos de vista. Sua organização descentralizada é basicamente formada por diversos participantes que não reconhecem uma liderança formal

Fonte: Elaboração do autor.

Já nas entrevistas, traçamos informações diversas, onde colocamos as experiências subjetivas como parte da redação e buscamos um significado comum entre as entrevistas realizadas e a “netnografia” deste pesquisador “seguindo os atores” do UCG, desde o momento de seu ingresso. A partir daí, entramos em contato mais profundo com as informações disseminadas no grupo. A opção por entrevistas semi-estruturadas se justifica por qualificar a análise de trajetórias dos ciberativistas juntamente com sua intensidade da participação política no *WhatsApp*, a partir de suas percepções e motivações, além de mapear os repertórios de atividades desempenhadas por eles desde seu início no meio virtual até sua repercussão no meio *offline*.

Dessa forma, foram exploradas questões do tipo “como o uso do *WhatsApp* mudou o perfil de atuação na política” e, “se houve uma maior participação na política a partir do incremento desta ferramenta ou não”. Para responder a estas perguntas, as entrevistas⁸ proporcionaram aos ciberativistas refletirem sobre seu uso político do *WhatsApp*. Por meio de um roteiro semi-estruturado, buscou-se evidenciar a interpretação de suas motivações para participarem da vida política, a partir dos conteúdos valorativos expressos no discurso dos entrevistados. Procurou-se, então, “ouvir” os sujeitos investigados, frisando o sentido subjetivo que os atores sociais dão às suas próprias ações.

Dentre os entrevistados temos engenheiros agrônomos, estudante de história, aposentada, ativista política, psiquiatra, pedagogo, empresária, jornalista, dentista, candidatos a vereadores, graduando de design, consultora em relações internacionais. Utilizamos a técnica de recrutamento *snowball* e garantimos uma elasticidade nas entrevistas realizadas quanto ao nível de participação dos entrevistados. Assim, nosso esforço foi pontuar os principais aspectos enumerados pelos ciberativistas, procurando costurar os pontos chaves apresentados no roteiro.

A maioria dos entrevistados tem pós-graduação ou pelo menos uma graduação e no geral a média é de 3 a 5 salários mínimos como renda mensal familiar, ocupando distintos cargos de trabalho. Dentre eles, temos ciberativistas jovens e também mais velhos⁹. Não há uma data específica para entrada de cada um no grupo, variando de um ciberativista para o outro: eles ingressaram no intervalo de Abril a Julho de 2016.

As principais motivações para participarem do UCG foram: indignação com a realidade política brasileira, luta pelos valores democráticos, reunião de pessoas contra o impeachment da presidenta Dilma Rouseff, ação prática permitida pelo *WhatsApp*, encontro de pares, desespero perante o governo Temer, sentimento de pertencimento a uma causa, compartilhamento de informações não veiculadas pela mídia tradicional, preocupação com a ascensão de ideias profacistas em todo o território brasileiro, debate sobre soluções para a crise política, informações sobre os protestos. Vimos então

⁸ Optamos por realizar 15 entrevistas, seguindo o recrutamento via “snowball” e de alguma forma este número foi suficiente para interpretar o “modo de agir” do UCG e, por isso, decidimos encerrar a “bola de neve” na entrevista de número 15, permitindo a viabilidade da pesquisa. As entrevistas foram gravadas por este pesquisador.

⁹ Não houve a possibilidade de tracarmos o perfil dos atores do grupo inteiro, uma vez que entrevistamos apenas quinze usuarios.

um ecletismo de justificativas, mas com um sentimento comum de “tomar parte de algo”, “integrar”, “vontade coletiva de agir”, “construir”, “existir no mundo” expressando, ao fim e ao cabo, o desejo de “unir-se contra o golpe”.

O *WhatsApp* ajudou a divulgar informações que não estavam sendo cobertas pela mídia tradicional. Para eles, o UCG tratou sobre questões relevantes da política, um grupo auto-avaliado como crítico do cenário político brasileiro, mais do que simplesmente expressar apenas opiniões alheias e “achismos”. Um entrevistado afirma: “o UCG consegue ter uma maior visibilidade de como as pessoas enxergam a política brasileira. Os usuários do grupo usam o diálogo como forma de fortalecimento do grupo”.

Do grupo, surgiram novas redes de conexões via *WhatsApp*, a partir da formação de novos grupos. Em seguida, realizaram também links com o *Facebook*. Um das questões elencadas por praticamente todos entrevistados é o desuso do *Twitter*, embora revelarem fazer seu uso quando fossem convocados para o que se convencionou chamar “tuitaço”.¹⁰ Segundo um dos entrevistados, “o *Twitter* não estou usando, não está mais na moda”.

Os entrevistados revelaram que o uso do *WhatsApp* facilitou a formação de opiniões e reflexões sobre política. Talvez seja este o diferencial desta TIC frente ao *Facebook*, uma vez que o recrutamento de pessoas por esta plataforma é mais veloz e a troca de informações mais instantânea: o fato de imagens, vídeos e notícias em geral serem compartilhadas de maneira rápida resultou em um considerável efeito político na opinião de alguns entrevistados.

Vários ciberativistas comentaram que o *WhatsApp* mudou a forma como se vê a política, devido à difusão ágil da informação, conforme esta afirmação: “às vezes no ato não conseguimos ter contato com os outros usuários. Vemos as bandeiras, os cartazes e não há oportunidade para o diálogo, quando voltamos para o *WhatsApp* podemos discutir um tema que não houve espaço para debatê-lo no protesto”.

Os entrevistados ressaltaram que há uma melhoria incondicional na disseminação de notícias: o muitos-para-muitos no *WhatsApp* têm um caráter mais efêmero e obrigatório do que no *Facebook*: “no sentido de que se no *Facebook* você

¹⁰ Manifestação feita pela publicação maciça de tuites para protestar, geralmente por motivos políticos. Disponível em > <http://noticias.band.uol.com.br/brasil/noticia/100000799934/tuita%C3%A7o-pedem%C3%Bancia-de-michel-temer.html> Acesso em 10 de Fevereiro de 2017.

pode escolher as pessoas que irão ler suas postagens, no grupo do *WhatsApp* assim que é postada uma mensagem, todos os usuários inscritos obrigatoriamente irão ler.” Um dos entrevistados salientou que se não tivéssemos este cenário de TIC’s, a situação do país poderia ter sido ainda pior.

Visitar páginas no *Facebook*, criar eventos dentro de uma comunidade são algumas das atividades listadas que os usuários do UCG puderam fazer a partir do *WhatsApp*. Um deles ressaltou ainda que criou uma página no *Facebook* a partir do que vinha sendo debatido no grupo do *WhatsApp* e revelaram acompanhar mais o grupo do *WhatsApp* do que propriamente o *Facebook*.

Um entrevistado comentou que, ao divulgar protestos no UCG, ele ainda oferece carona para o ciberativista que quiser acompanhá-lo como forma de motivar outras pessoas a participarem de manifestações convocadas pelo grupo. Vimos que o caminho *online/offline* é ambíguo: por um lado, relataram situações em que estiveram com uma pessoa do seu lado com quem conversa no mundo *online*, mas que no mundo real não foi possível identificar; de outro, reconheceram que há interação no protesto, facilitada, sobretudo, pela convocação que se inicia no meio *online*.

Vários entrevistados salientaram a formação de lideranças no grupo, conferindo esse título às pessoas que mais postam mensagens e organizam as atividades do UCG, embora reconheçam que tais lideranças não se veem como líderes. Uma das ciberativistas identificou que participa de outros grupos que se originaram do UCG: “Eu participo de um grupo de confecção de material e cartazes e de um grupo de leitura que se originaram do grupo mãe.”

Diagnosticamos também que, no momento da entrada de um usuário no grupo, subitamente o novo integrante é transformado em administrador do grupo, tendo a opção de adicionar novos usuários caso assim o queira. A partir daí, foi criada uma lógica em que todos passaram a ser administradores do grupo. Cada usuário contribuiu de alguma forma com o fortalecimento dos laços sociais no UCG, seja com conhecimento, leitura ou reflexões sobre as informações postadas. Foi bastante citado pelos entrevistados o fato de postarem informações do jornalismo independente “Mídia Ninja”, como uma capacidade de contra-informação dos veículos da mídia tradicional.

Não houve um caráter programático a ser seguido, além de ser livre a expressão de cada um no grupo. Este talvez seja o maior diferencial do UCG na sua forma de

atuação. Se nosso dia tem apenas 24 horas e é cada vez mais acelerado, a forma de utilizar o *WhatsApp* que os ciberativistas encontraram foi peculiar, pois, além de participarem das atividades do grupos, combinaram responsabilidades pessoais e profissionais com a possibilidade de aproximar a participação política à vida cotidiana.

O UCG mostrou que o virtual e o real estão conectados em único mundo. Significa dizer: um modo novo de promover interação e de circular um mutirão de informações no grupo do *WhatsApp*. Mais ainda: “os cidadãos comuns no centro dos debates, das iniciativas e das práticas. Isso aproxima o ativismo social e a cidadania ao mundo da vida e das experiências vividas pelas pessoas” (Bringel & Pleyers, 2015, p. 15).

Os principais motivos que o levam os integrantes do UCG a participarem da política é o desejo de um futuro melhor; muitos declararam participar desde muito jovens do mundo político. Embora reconheçam ter uma participação assídua, afirmaram que a política deveria oferecer mais canais para participação. Vários ciberativistas começaram a fazer o uso do *WhatsApp* depois de 2013, como também revelaram participar de outros grupos políticos na plataforma móvel.

Um dos pontos chaves destacados por um de nossos entrevistados é capacidade de o *WhatsApp* propor um mecanismo inverso de participação, qual seja: “se no momento do protesto não houve tempo ou oportunidade para as pessoas expressarem suas opiniões entre elas, terminado o momento *offline* do encontro, elas podem retomar suas pautas de discussão na dimensão *online* do *WhatsApp*”. Desta forma, foi destacado um caminho *offline/online* como um dos estilos próprios criado pelo grupo.

Um dos ciberativistas revelou usar o WhatsApp sempre para fins políticos e declara participar também de outros grupos desta ferramenta. Avalia que o UCG é um grupo eclético e que se inicia no âmbito local da cidade de Florianópolis e toma proporções internacionais. Vimos que houve uma transnacionalização do grupo ao obter a adesão de outros usuários de diferentes localidades do Brasil e também no exterior, para além da esfera local.

O *modus operandi* de se organizar foi de fundamental importância para difundir informações não veiculadas pela mídia tradicional, fato também filtrado pelas postagens no mês de setembro de 2016. Esta plataforma permitiu dar voz a um público que não encontrou seu espaço em canais tradicionais. Isso foi um fator preponderante para

motivação de vários participantes do grupo, ao promoverem uma reunião de pessoas que compartilhavam um interesse político comum, por mais que existissem divergências explicitadas durante esta integração, conforme apontou algumas vozes dos entrevistados. Significa dizer: os usuários do UCG compreenderam “a democracia em um sentido ampliado, não como sinônimo de instituições, representação ou eleições, mas com uma criação sociopolítica e uma experiência subjetiva” (Bringel & Pleyers, 2015, p. 12).

A “capilaridade” do grupo é outra característica fundamental. Por meio do caráter instantâneo, no momento em que os usuários recebiam informações do UCG, encaminhavam as postagens recebidas para outros grupos, o que fazia com que o conteúdo ali divulgado fosse disseminado para um alcance imensurável de outras redes de usuários, conforme sinaliza este entrevistado:

Encontrei os meus pares no UCG. Aqui no Sul a maioria é de direita. Então você se sente muito solitário. Família, Rua, Grupo de amigos é coxinha para todo lado. Risos. Então fico muita solitária mesmo e me sinto acompanhada por este grupo. Encontrar seus semelhantes é um instrumento útil do Whats. Além de ser uma forma barata de massificar a informação. Apesar dos usuários não se conhecerem pelo WhatsApp, quando eles iam no atos se encontravam. Combinamos de usarmos algo vermelho como uma fitinha, por exemplo, para nos identificarmos nos protestos. No entanto, cada um se manifesta de forma livre no grupo, então às vezes ocorre desentendimento entre os usuários, e eles se retiram e depois alguém vai buscá-lo e insere o número de volta. Fato curioso do UCG. Eu já encontrei um ex-integrante do grupo. Ele saiu porque não consegui ler o mutirão de informações que eram postadas diariamente. Mas mesmo sabendo disso, eu não quero ficar sozinha. Quando penso em apertar o botão para sair do grupo, eu reflito melhor, e decido por permanecer no UCG. O papel do Whats é de organizar os que pensam igual e querem mudar algo. Se eu não estivesse no grupo estaria mais triste, mais isolada. Tive vivências no grupo que experimentei ações que não as viveria se não estivesse ali. Foi uma nova forma de viver a política. (Entrevista nº 6)

Mais ainda: talvez a forma de ver a política tenha continuado a mesma para os entrevistados, mas eles ressaltaram que o UCG mudou a forma como “fazem a política”, no sentido de que o recrutamento para protestos, a disseminação instantânea das informações e organização de atividades são feitas numa velocidade que satisfaz a globalização da comunicação no século XXI.

Considerações finais

O uso do *WhatsApp* como plataforma para participação é um desafiador objeto de pesquisa, já que provoca alterações nos estilos de vida contemporâneos e abre espaço para uma abordagem teórica multidisciplinar. Este artigo explorou metodologias ainda incipientes. Nosso trabalho mostrou que os ciberativistas investigados construíram e mantiveram laços de articulação criados no momento de interação do UCG. Percebemos uma evolução do nível de proximidade dos ciberativistas desde que o grupo foi criado, em Abril de 2016. De alguma forma, este grupo do *WhatsApp* apresentou diversas maneiras de expressar as “paixões” (Mouffe, 2016), a partir do momento em que foram capazes de formular suas próprias enunciações, passíveis de serem aceitas ou contestadas pelos outros usuários, de incendiar os debates e participar de forma interativa no grupo, tendo em mente que o caráter plural do dissenso é inerente ao trato da política.

No momento em que se discute o que é “reinventar a política” no século XXI, estes ciberativistas nos deixam pistas: foram *challengers* ao desafiarem as maneiras de pensar a política para além dos canais institucionais e participaram ativamente de discussões realizadas no UCG e, portanto, realizaram um simples exercício de aproximar a política ao seu cotidiano. Mais do que isso: demonstraram adquirir “energia niveladora, democrática, ingrediente indispensável para mudanças” (Mouffe & Errejón, 2016, p. 54), qual seja: foram para as ruas, convocaram protestos, disseminaram informações ignoradas pela mídia tradicional, confeccionaram camisetas do grupo, organizaram inúmeras atividades. Ao fim e ao cabo, criaram um *modus operandi* UCG, enquanto seres políticos. A imprevisibilidade, as mudanças e as transformações que este grupo percorreu serviram como suporte para o surgimento de relações sociais ali aprofundadas.

Tecemos, portanto, uma investigação sobre o impacto político do uso do *WhatsApp*, analisando o caso do UCG na cidade de Florianópolis no Brasil. A democracia brasileira, como outras democracias mundo afora, tem se mostrado de forma caricatural e muito distante da energia dos movimentos que emergem nas ruas convocados pelas redes sociais virtuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Sérgio (2016). É possível a internet alavancar novos canais de participação política? *Revista Controversias y Concurrencias Latinoamericanas*, v. 8, n. 13, junio, pp. 44-58.

BARBOSA, Sérgio. (2017). WhatsApp e política: novas formas de ciberativismo em Florianópolis. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis.

BOBBIO, Norberto. (1995) *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política* Editora Unesp: São Paulo.

BRAGATTO, R. C & NICOLÁS, M. A. (2012) *Internet e Política em análise: levantamento sobre o perfil dos estudos brasileiros apresentados no Brasil entre 2000 e 2011*. Trabalho apresentado no GT 04 Ciberativismo, Ciberpolítica e Cibercultura, no XXXVI Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindóia, São Paulo.

BRINGEL, Breno & PLEYERS, Geoffrey (2015). “Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil”. *Nueva Sociedad*, nov./dez., pp. 4-17.

CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de & REIS, Fernanda Teixeira (2012). *Participação política no Brasil no século XXI: mudanças e continuidades*. *Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política*, vol. 21, n. 2, pp. 20-33, jul. /dez.

EISENBERG, José. (2015) *Ciberativismo*. In: GIOVANNI, Geraldo Di & NOGUEIRA, Marco Aurélio (Org.). *Dicionário de Políticas Públicas*. 2v. São Paulo: Fundap / Imprensa oficial.

ERREJÓN, Íñigo & MOUFFE, Chantal (2016) *Construir pueblo: Hegemonía y radicalización de la democracia*. Barcelona: Icaria.

GERBAUDO, Paolo (2012). *Tweets and the streets Social Media and Contemporary Activism* London, UK: Pluto.

GERBAUDO, Paolo (2014). The persistence of collectivity in digital protest. *Information, Communication & Society*, 17(2), pp. 264-268.

GERBAUDO, Paolo (2016). Rousing the Facebook Crowd: Digital Enthusiasm and Emotical Contagion in the 2011 Protests in Egypt and Spain. *International Journal of Communication*, 10, pp. 254-273.

GERBAUDO, Paolo (2017). *The mask and the flag: Populism, Citizenism and Global Protest* London: Oxford University Press.

GERBAUDO, Paolo (2017a). The indignant citizen: anti-austerity movements in southern Europe and the anti-oligarchic reclaiming of citizenship. *Social Movement Studies*, 16:1, pp. 36-50.

GERBAUDO, Paolo (2017b). Social media teams as digital vanguards: the question of leadership in the management of key Facebook and Twitter accounts of Occupy Wall Street, Indignados and UK Uncut. *Information, Communication & Society*, 20(2), pp. 185-202.

GUTIÉRREZ-RUBÍ, Antoni. (2015) *La política en tiempos de WhatsApp*. Espanha: El país libros.

KIES, Raphaël. (2010). *Promises and Limits of Web-Deliberation*, New York: Palgrave Macmillan.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. (2011). "Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política". In: Maia, Rousiley et al (org.s) *Internet e participação política no Brasil*, Porto Alegre: Sulina.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (2011). Aspectos teórico-metodológicos do processo comunicativo de deliberação online. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 6, Julho-Dezembro pp. 19-40.

MOUFFE, Chantal (2016) *La paradoja democrática*. Madrid: Gedisa editorial.

PENTEADO, Cláudio Luiz Camargo; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar & SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos. (2015). Democracia digital e experiências de e-participação: webativismo e políticas públicas. *Histórias, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 22, supl., dez., p. 1597-1619.

PEREIRA, Marcos Abílio (2012). Movimentos sociais e democracia: a tensão necessária. *Revista Opinião Pública*, vol. 18, nº 1, Junho, pp. 68-87.

SORJ, Bernardo. (2016). Online/off-line: o novo tecido do ativismo político. In: SORJ, Bernardo & FAUSTO, Sergio. *Ativismo político em tempos de internet*. São Paulo: Edições Plataforma Democrática.